

Resumo 4

Ocorrência e quantificação de ninhos de tartarugas marinhas em praias urbanas de Fortaleza

Alice F. Feitosa¹, Gabriel C. de Lima¹, Zaíra Maria P. N. D. Parente, Saymon G. P. de Almeida¹ & Caroline V. Feitosa²

1 – Projeto de Extensão GTAR-Verdeluz, Campus do Pici, Universidade Federal do Ceará

2 – Projeto de Extensão GTAR-Verdeluz, Instituto de Ciências do Mar, Universidade Federal do Ceará

E-mail para correspondência: alicefrota_1@hotmail.com

A zona costeira do estado do Ceará é caracterizada como ponto de alimentação e descanso das cinco espécies de tartarugas marinhas encontradas no Brasil. Em 1992 fez-se a primeira menção de tartarugas marinhas em Fortaleza, tendo sido apenas em 2002 o primeiro registro de ninho no litoral leste, segundo o Programa Nacional de Conservação de Tartarugas Marinhas (TAMAR/ICMBIO). O Grupo de Estudos e Articulações Sobre Tartarugas Marinhas (GTAR-Verdeluz), projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Programa da Universidade Estadual do Ceará (UECE), surgiu em 2014 a partir da percepção dessa problemática: a existência de desovas e encalhes de tartarugas marinhas nas praias de Fortaleza/CE sem o devido acompanhamento de projetos ou entidades públicas. O presente trabalho, com o objetivo de quantificar a ocorrência de ninhos de tartarugas marinhas, realizou monitoramentos nos anos de 2016 e 2017 em duas áreas. Estas são: a Praia do Futuro, uma das mais urbanizadas do município, e Sabiaguaba, local que abriga duas Unidades de Conservação Ambiental criadas em 2006 e administradas pela Prefeitura de Fortaleza: A Área de Proteção Ambiental de Sabiaguaba e o Parque Natural Municipal das Dunas de Sabiaguaba, contendo cerca de 8km de extensão. Os monitoramentos de praia foram quinzenais, no período noturno e diurno. Nos monitoramentos, foram identificados e georreferenciados os nascimentos e nidificações, além realizar a contagem de naticornos e natimortos, pela estimativa de restos de cascas dos ovos dos ninhos eclodidos (abertos após 45 dias de postura). Os monitoramentos foram nas luas cheia ou nova, quando a maré está propícia ao aparecimento das fêmeas desovantes. Durante o período de maio/16 a junho/17, a faixa de praia era percorrida a pé pelos membros do grupo para realizar o monitoramento em duas regiões: entre a foz do Rio Pacoti e a entrada da COFECO (Clube dos Funcionários da Companhia Energética do Ceará) (cerca de 2km); entre a entrada da COFECO e a foz do Rio Cocó (cerca de 6km), compreendendo as praias da Sabiaguaba, Abreulândia e COFECO, no litoral leste da capital. Os dados obtidos em campo eram completados pelos pescadores locais que indicavam onde haviam ninhos, quando eles presenciavam desovas. Foram georreferenciados dezoito ninhos. Dentre estes, foi possível datar a eclosão de dez e revistar seis, após o nascimento, para comprovar a eclosão. Em apenas três ninhos identificou-se qual era a espécie (*Eretmochelys imbricata*). Estima-se que 775 filhotes chegaram ao mar. Foram registrados cinco natimortos e 51 ovos não eclodidos. Ressalta-se a importância do monitoramento a fim de gerar registros anuais para a região, tendo em vista o potencial como área de desova, bem como para registrar e avaliar a ocorrência de tartarugas marinhas na região, ainda caracterizada, principalmente, como área de alimentação. As atitudes supracitadas têm grande importância devido ao risco de extinção que todas as espécies de tartarugas marinhas ainda sofrem, sendo válidos todos os esforços possíveis nas áreas de desova e alimentação desses animais, para que a conservação dessas espécies na capital Cearense seja possível.

Palavras-chave: Desovas, Espécies Ameaçadas, Filhotes, Testudines.

